

Uma falsa não-ficção

José Cardoso Pires recebeu mais um prémio — o da AICL — por uma obra que um dos membros do júri aqui evoca

LIBERTO CRUZ

EM COMEÇOS de 1971, ao preparar a análise crítica para o primeiro livro publicado sobre a obra do autor de *O Delfim*, em edição da Arcádia, escrevi — perdoem-me a citação — o seguinte: «Com pouco mais de meia dúzia de obras publicadas, José Cardoso Pires ocupa na literatura portuguesa dos nossos dias o lugar de primeira plana.»

Quase trinta anos passados aproveitei a oportunidade para substituir naquela frase o artigo indefinido pelo artigo definido. Ou seja: José Cardoso Pires ocupa na literatura portuguesa dos nossos dias o lugar de primeira plana.

Feita esta rectificação, que muito me apraz fazer na presença do escritor, passemos aos factos. Sem alardes, sem entrevistas sensacionalistas, sem declarações bombásticas, sem campanhas orquestradas e sem outras ridículas pacovices, desde 1949 que José Cardoso Pires se vem impondo como um dos expoentes da literatura de língua portuguesa.

Aproveitei a ocasião para contar um episódio que acho curioso e que relato pela primeira vez. Em 1972, sendo docente na Universidade de Alta Bretanha em Rennes (França), tive como colega Mário Soares. Ao oferecer-lhe um exemplar, acabado de sair, sobre a vida e a obra de José Cardoso Pires, Mário Soares teve um sorriso irónico e disse-me: «Você sabe que o Cardoso Pires é que deu cabo de mim?»

Ao ver-me surpreendido, acrescentou: «Eu já lhe conto. Durante o meu exílio em S. Tomé comecei a escrever um romance que já ia bastante adiantado. Um dia, creio que já estava em França, a minha mulher mandou-me *O Delfim* do José Cardoso Pires. Gostei tanto do livro que nunca mais fui capaz de acrescentar uma linha ao meu romance. Como vê, se não sou romancista a culpa é do Cardoso Pires.»

Há quem defenda que vale mais um mau escritor do que um bom político. É evidente que esta sentença não se aplica, de forma alguma, ao nosso ex-Presidente da República.

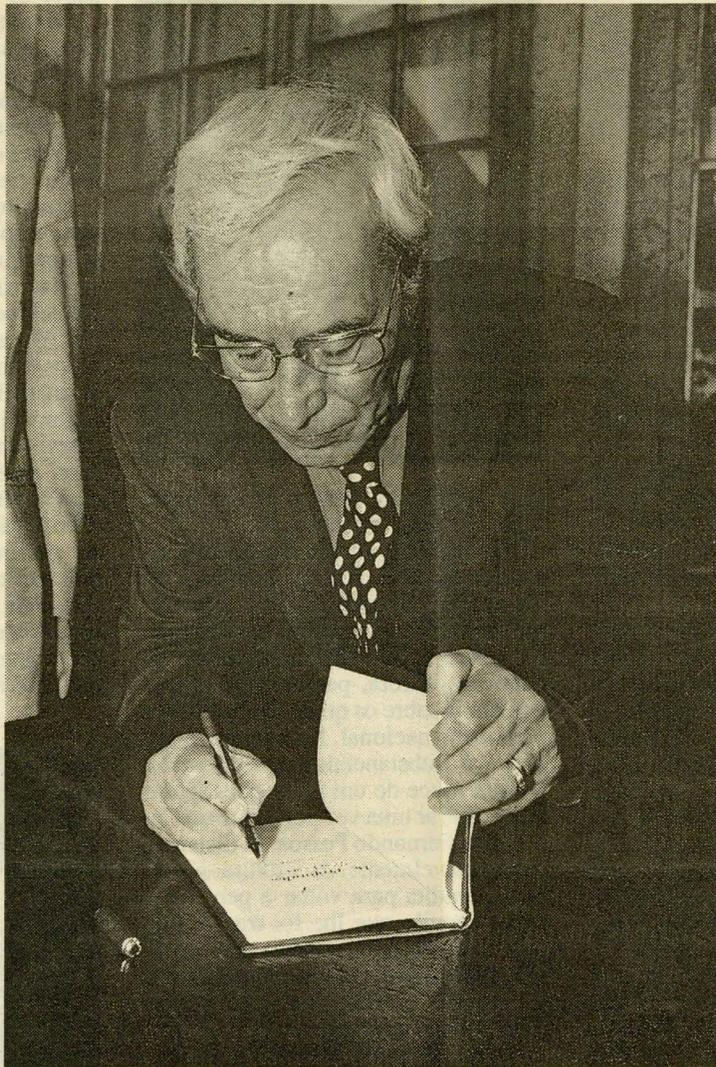
Só um ficcionista poderia ter escrito esta não-ficção. Melhor: só um grande ficcionista poderia ter escrito esta quase falsa não-ficção que é *De Profundis, Valsa Lenta*.

Entre a memória perdida e a memória recuperada e com as chegadas de familiares e de testemunhas comparsas de uma demorada dança, se vai compor o relato de alguém que, sem querer, foi um dia até às portas da casa da morte e nela não entrou. Um paciente acidental que é também um escritor de profissão. Não estamos perante a descrição de um cidadão comum que decide narrar uma viagem ao fundo da vida. Estamos face a um ficcionista que, tendo embarcado como viajante forçado na barca de Caronte, donde raramente se regressa, vem dizer-nos, dois anos depois, como se passou a terrível e angustiante travessia. Para tal serve-se, evidentemente, da memória que é, como diz, imaginação. Imaginação, reparem! Ainda bem e felizmente para todos os leitores e sobretudo para aqueles que, há cerca de 50 anos, vêm acompanhando a sua obra.

No prefácio, o professor João Lobo Antunes escreve que é «escassa a produção literária sobre a doença vascular cerebral. A razão é simples: é que ela seca a fonte de onde brota o pensamento ou perturba o rio por onde ele se escoia, e assim é difícil, se não impossível, explicar aos outros como se dissolve a memória, se suspende a fala, se embota a sensibilidade, se contém o gesto».

Destas dificuldades, por vezes fatais, originadas pelo acidente vascular cerebral, nos dá conta o indivíduo atingido. Fá-lo através de um narrador que o observa como uma personagem que foi vítima duma inaudita confusão. Uma personagem que é simultaneamente ele próprio, isto é, o indivíduo atacado pela doença mas que vai desviar para outrem a catástrofe ocorrida.

«Isto não vai ser nada», julga ele ter dito, quando se apercebe que, já outro, começava a derapar, a submergir em águas que não lhe serviam para navegar. Passando o embaraço para outro, tudo seria mais fácil e menos pessoal. A realidade do outro poderia até ser considerada como fictícia, visto que determinadas situações e absurdos acontecimentos só acontecem aos outros, como todos nós sabemos. Todavia, narrador e narrado nunca se separam e jamais são alheios à tragédia que os afasta e os une ao mesmo tempo. Daí, talvez, a necessidade de fixar, até à



José Cardoso Pires: já quatro prémios referentes a 1997

exaustão, o que, pouco a pouco, se vai diluindo. Daí o esforço gigantesco dispendido pelo narrador-narrado, para expulsar os sintomas pressentidos como nocivos e eventualmente drásticos e fatais. Daí, talvez, a desconfiança e a reacção em relação às perguntas de ordem técnica feitas pela médica e que são susceptíveis não só de envolvê-lo mas de atraí-lo para um estado que não lhe convém e que ele recusa com todas as forças possíveis.

Dir-se-ia que o narrado, isto é, o outro, não é capaz de se aperceber do abismo para o qual resvala. Vigilante e arguto, até onde o corpo e o raciocínio lhe consentem, o narrador procura destruir as armadilhas que detecta, as emboscadas que prevê e as perversidades que adivinha. Daí, talvez, a necessidade ainda de ficar consciente, de se conservar alerta, o declarado desejo de avaliar, rapidamente, os prováveis malefícios resultantes de tão incómodo percurso. Percurso que ele vaticinara transitório porque, é bom não esquecer-lo, aquilo não ia ser nada. Mas os entraves avolumam-se: o outro deixa que lhe apaguem a memória, que a voz se cale, que os gestos se descontrolarem, que o pensa-

mento se esvaia e o raciocínio hesite, confunda e se detenha. É o outro que desiste ou é já o futuro narrador que abandona, que renuncia à crónica a haver posteriormente? Ou são ambos, uma vez mais unidos e separados, que involuntariamente cedem e se afastam da luta? Surge então uma fase branca, cega, incerta, silenciosa, sem narrador nem narrado. Tanto a personagem como o seu mentor se eclipsam e deixam de súbito de nos prestar contas. Interrompida a história, esta pode seguir ou não dentro de instantes. As avarias humanas nem sempre têm concerto e às vezes não há médico que as possa reparar. A vida é sempre ficção que só acaba quando o real, sem motivo aparente, assim o determina.

No volume das *Odes*, Horácio afirma que a morte bate com um pé indiferente. Mas desta morte em visita, desta morte de que estamos a falar, poder-se-ia deduzir que ela, demasiado confiante, ousara apresentar-se já de pé erguido. Sentindo-se derrotada, acabaria por ter de o baixar mercê da resistência física e mental do narrador-narrado.

Parafrazeando Simónides de Kéos, que o autor cita em epígrafe, uma vez perdidos o sonho e a certeza, estes só podem dar lugar a desordens e nuvens. O hiato não é, no entanto, longo. Narrador e narrado pouco a pouco recuperam a fala, o raciocínio, a capacidade reflectir e de escrever. A narrativa começava então a desabrochar mas só muito depois terá uma forma escrita passando a ser uma quase falsa não-ficção.

Martinho e Ramires, parceiros de quarto do acidentado e do futuro ficcionista são duas personagens em potência que não podiam deixar de ser aproveitadas. Aliás, que outro paciente, se não um ficcionista, poderia reter, deduzir e recordar tantas lucubrações? Que outra pessoa, se não um criativo, teria ânimo, necessidade e magnitude para elaborar tão pungente relato?

Em aditamento ao *De Profundis, Valsa Lenta*, e nas «entrelinhas duma memória, memória duma desmemória», como o autor lhe chama, este informa-nos que o relato é «uma comunicação de circunstância. Um apontamento pessoal, Mas é também um desabafo de gratidão». José Cardoso Pires refere-se à competência com que foi tratado e à solidariedade que lhe foi prestada durante o internamento no Hospital de Santa Maria.

Certamente por pudor e por ser óbvio, Cardoso Pires não se refere, nestas entrelinhas, à acção desenvolvida por sua mulher. Talvez porque, desde o momento em que, naquela manhã de Janeiro de 1995, começou a sentir-se mal e até ao dia em que teve alta do hospital, Edite, sua mulher, é uma presença constante na memória do narrador-narrado. Ponto de referência consciente e inconsciente, Edite é a âncora de salvação, o elo que estabelece o contacto com o fio condutor de toda a narrativa. Eis uma inequívoca prova de estado amoroso que gostaria aqui de salientar.

Pela temática, pela linguagem usada, pelo pessoalíssimo estilo, pela sobriedade e beleza da narrativa, pela justeza do relato e ainda pela serena evocação dos factos, este testemunho surpreendente de José Cardoso Pires é um texto ímpar tanto no conjunto da sua obra como no da literatura portuguesa. Um texto invulgar que merece ser lido, relido e meditado.

(Texto lido a 2 de Julho, em casa de José Cardoso Pires, na entrega do Prémio da Associação Internacional de Críticos Literários referente a 1997, pelo conjunto da obra, a propósito de *De Profundis, Valsa Lenta*). No júri do prémio, patrocinado pela CGD, estiveram também Fernando J.B. Martinho e Matilde Rosa Araújo. ■

EM BUSCA DA GAZELA PERDIDA

Várias personagens vivem uma série de peripécias à procura de uma nova garrafa de Vinho Verde Gazela. Espírito de juventude no seu melhor estilo, à venda de norte a sul do país.